

# Ó P E R A

Peça dramática em que a música se associa a recitação. Poema, posto em música, sem textos falados e, as vezes, acompanhado por danças. Teatro onde são representadas essas operas.

Hoje definida como um poema dramático, musicado, acompanhado por orquestras, coro e trechos cantados ou recitados. Surgiu em fins do século XVI, durante o renascimento, na Itália. Muito cultivada nos anos que se seguiram, ganhou força e vitalidade com Cláudio Monteverdi e difundiu-se por toda Europa. A partir do século XIX, surgiram diversos estilos de opera nacional, opera francesa, italiana, alemã, russa, cada uma delas com características próprias e marcantes, tanto com relação ao tema abordado quanto com relação ao desenvolvimento da obra.

Entre as mais famosas operas incluem-se: Aída, Balé de Máscaras, Macbeth, Rigoletto, Traviata e Trovador, de Verdi; Carmen, de Bizet; Flauta Mágica, Bodas de Figaro, de Mozart; Madame Butterfly, La Bohème, Manon Lescaut, Tosca, de Puccini; Guarani, Schiavo, de Carlos Gomes; Barbeiro de Sevilha, Guilherme Tell, Otelo, de Rossini; Cavalaria Rusticana, de Mascagni; Fausto, Romeu e Julieta, de Gounod; Thais, de Massenet; Mestres Cantores, Tristão e Isolda, de Wagner; Fra Diavolo, de Auber.

Influência da Opera - Na Itália, o teatro falado e pouco original, copiando modelos importados da França. Mas no terreno da opera ocorrem revoluções que modificam o gênero dramático como um todo. Em 1637, a Andromeda, de Francisco Manelli, inaugura o teatro da família Tron, no bairro veneziano de San Cassiano, modelo para casas futuras. Troca-se o palco reto greco-romano pelo chamado palco italiano, com boca de cena arredondada e luzes na ribalta, escondidas do público por anteparos; utiliza-se, pela primeira vez, cortina para tampar a cena, preservando a surpresa do espectador com o cenário quando o pano abre; as três portas da cena grega são substituídas por telões pintados; e introduzida a maquinaria para efeitos especiais, simulando tempestades, terremotos, incêndios; apagam-se as luzes da sala durante o espetáculo, para concentrar a atenção do público no palco; em vez do anfiteatro com arquibancadas, há uma platéia e camarotes, dispostos em ferradura. A opera torna-se tão popular que, só em Veneza, no século XVII, funcionam regularmente quatorze teatros.

Séculos XVII - XVIII - A opera populariza-se, expande seus recursos (coro, orquestra maior, corpo de baile, uso de máquinas para efeitos especiais); surgem os primeiros teatros fora das cortes e os primeiros grandes compositores do gênero (Monteverdi, Cavalli, Cesti). Nessa fase, nascem novos gêneros: o oratório sacro ou profano (Carissimi); a cantata (Stradella, Charpentier); a suíte como sequência de danças populares ou cortesãs; o concerto grosso, em que um conjunto de solistas (o concertino) se opõe ao grosso da massa orquestral (ripieno); a tocata instrumental; além de formas como o *ricercare*, a *chacona*, a *passacalha*, baseadas em

transformações de um tema melódico, e que são precursoras da fuga.

A música de câmara evolui, as orquestras se ampliam e, com o aperfeiçoamento dos instrumentos, começam a surgir virtuosos do violino (Corelli, Marcello, Albiononi), do cravo (Frescobaldi, Matheson) ou do órgão (Buxtehude, Scheidt, Pachelbel, Sweelinck); a música puramente instrumental torna-se cada vez mais refinada. Novos modelos para a ópera são propostos, na Itália, por A. Scarlatti, e na França, por Lully; e terão seguidores nas gerações seguintes em Caldara, Porpora, Galuppi, Jommelli, Hasse, Keiser, Loggins, Lotti, Traetta, Salieri e outros.

Desde a passagem entre os séculos XVII e XVIII, todos esses gêneros novos estarão sendo expandidos e aperfeiçoados: Vivaldi leva ao apogeu a escola do violino; Couperin e D. Scarlatti a do cravo; Bach, Haendel e Telemann desenvolvem o oratório, a paixão, a cantata, o concerto grosso ou o concerto com solista, a música para órgão; a ópera barroca francesa tem suas formas consolidadas por Rameau, que a diferencia do modelo italiano, praticado por Piccini e seus seguidores; a reforma do gênero operístico é feita por Gluck, que a torna mais sóbria e natural e aumenta a importância da orquestra. Haydn e Mozart, finalmente, sintetizam o trabalho de seus antecessores, dando forma definida à sonata, à música de câmara, ao concerto e à sinfonia. Com Mozart, as formas clássicas da ópera chegam a seu mais alto ponto de aperfeiçoamento.

É fundada a Academia Real de Música (1713), hoje Ópera de Paris, que revela Marie Anne de Cupis "La Camargo" (1710-1770) e Marie Salle (1707-1756), as óperas-bale de Rameau e o conceito de "bale de ação", com maior apuro dramático, formulado pelo coreógrafo Jean-Georges Noverre (1727-1810). A essas idéias aderem M. Salle, Caetano Vestris (1729-1808) e seu filho Auguste (1760-1840), e o coreógrafo Jean Dauberval (1742-1806), autor de La fille mal gardee (1789)